

KANAIMÎ PAASI¹

Sony Ferseck/Wei Paasi/Sonyellen Fonseca Ferreira Fiorotti² (PPGL/UFRR)

sony.ferseck@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5790-7274>

É tempo de ferra-gado.
Ferro que ferra boi, ferra homem.
Gado ferra o homem.
Ferra gente. Marca.
Cega como faca.
Terra sem boi não tem dono.
Boi sem marca não tem dono.
Assim era. Assim é.
É tempo de marca.
Ferro e fé deixaram de forjar o que já não sou mais.
Kanaimé.
Não mais será.

Kanaimî, na minha língua. Nas muitas línguas mastigadas na minha, espicaçadas por mil espinhos de ódio injustificado. Na palavra pisada na garganta, indizível, que só se desfazia com água batida no pilão e depois bebida. Na palavra ruim, ao revés, empalada, retalhando para dentro das vísceras e de todos os entres: das vistas às virilhas. Morte feia, eles diziam. Iniquidade. Isso para eles era Kanaimé. Para elas, isso era todo o dia. Assim era. Assim é.

À espreita, em cada quina do quarto de casa, dentro de uma mesma rotina, na hora mais quieta, uma fome canina e policefálica roía entre os dentes um afiamento de assobio: ficaquietaficaquietaficaquietaficaquietaficaficafincafina. Às estocadas. A cada enfincada, a cada duas, três, quatro, em sequência. Isso desde que tinha seis anos de idade. Ficava sozinha e não podia fazer nada. Ficava ouvindo e não podia falar nada. Não podia dizer o nome dele porque não podia chamar desgraça para dentro de casa. Inventaram outro nome

¹ Kanaimî: Kanaimö em Taurepang, Kanaimî em Makuxi, Kanaimé ou Canaimé em português é considerado o mal injustificado e é descrito por muitos atualmente como bandido. Mas também pode ser um pajé que se desviou de suas funções de diálogo e capacidade de cura. Paasi, feminino de piya' e também de piya'san, entidade primordial masculina ou pajé. Majé.

² Doutora em Estudos Literários pelo Pós-lit/UFF. Bolsista de Pós-Doutoramento pelo PPGL/ UFRR, supervisionada pela Profª Drª Veronica Prudente Costa.

para isso, tal de Rabudo. Não podia sair sozinha, não podia sair à noite. Só em casa e os de casa. E ele unhava, cavava em profundidade, revolvendo e se liquefazendo na carne por dentro, em saliva, sêmen. Não podia dizer que cara tinha porque diziam que usava couro de onça, de tamanduá e não era nada disso que via. Aprendia o silêncio assim.

Em casa ia sendo devorada por líquidos sibilantes e em solidão. Sugada de todos os brilhos de todo lugar: da boca, da pele, dos cabelos, dos olhos, da vagina impúbere e já lacerada. Só se morre depois que se quebram todos os ossos, depois que a febre arde por três dias. Até lá, ele tinha que roer dela a vida desde o tutano, coisa bem pior do que aquilo que fazem com boi. De tudo boi tem. Boi tem terra, tem lugar para pastar solto, tem lugar para dormir acomodado, comida e água. Na semana santa, boi descansa e não morre. Até médico e vacina para o boi tem. Cuidam do boi. Se homem faz mal para o boi, outro homem vem e defende seu semelhante, qualquer um dos dois que seja. Para ela, ninguém. Sem homem ela não existe. Pensar nisso faz com que o sangue quase coagule entre os ouvidos pulsando violentamente. Aos 13 anos, não sabe mais de si, nem do nome que os homens deram antes de agora. Talvez fosse um nome que dissesse sol.

Há uns dias cozinha no peito um chamamento: *Aiyan, Aiyan, aiyan, aiyan*. É tempo do rio secar. O vento cheio de areia fina faz trincar os grãos entre os dentes num assobio noturno de pássaro laminando o ar. É esse assobio que alcança a todos e a alcança agora numa espécie de ir se afogando num gosto ferruginoso e espesso de sangue. Nada pior que antes. Nada mais de indizível e solidão.

O rio não aplaca de longe. Já foi feliz em um rio uma vez. Um igarapé. O câncer ainda não tinha levado a mãe embora. A mãe, ela e o igarapé. Ela a segurava sobre as águas que a corriam toda, entrelaçando-as em cabelos, braços e pernas. Flutuava morna. Nos olhos, sentia a luz mansa do sol que tinha quase a mesma cor de suas próprias pálpebras e em sombras se esgueirava nas ramagens das árvores sobre elas. Nós. Éramos nós. Éramos. Somos e seremos. Uipiî.

Acho que passei séculos ali e passarei outros mais, porque sempre que precisar voltar para essa minha prisão de memória e carne, vou cantar manawî “*Parau saru uyau/tuma sewasurumai tunakoto*”³. Só aceito se for essa água. Nenhuma outra mais me comporta. Nunca acreditei que água podia virar sangue, menos ainda virar nesse sangue domingueiro dos padres e pastores. Sei que nunca fui eu a derramar sangue de parente. Jamais dei febre nem estraçalhei ossos de ninguém. Até hoje.

³ Para as correntezas do oceano/ ao lugar das águas/ me transformo em sereia.

Cheguei a outro tempo: de pôr sentido no ódio. Esse ódio que venho torrando em fogo alto na casa de farinha às remadas, jogando para o alto em grãos, fervendo à beira do tacho no fogão de barro junto com a madeira preta fuliginosa. Depois, mastigando com feijão, no chibé de todo dia, descendo feito seixo pela goela e se empedrando no fundo do estômago. Fome mesmo já não sinto mais há tempos. Não essa do corpo, só a do ódio. O ódio ao ódio que nos mastiga a todas como o prazer d’ele espreitando por fora, pelas frestas das tábuas de madeira do banheiro da casa da avó já morta, enquanto tomava banho ou quando a mãe saía para trabalhar. Depois dos 13, o ódio rebentou em sangue, quando o sangue não veio na data certa. Dá desgosto pensar naquilo que dizem as escrituras sagradas “E o verbo se fez carne”. Nada. Kanaimî era o nome dele? Não sei, só sei que cravou em mim um medo e dor que esfacelavam qualquer tipo de nome, qualquer tipo de grito. Fez isso a chutes, uma sequência deles, socos que desfiguravam mais do que o rosto, mas qualquer coisa que a faziam sentir que vida ainda lhe era possível.

Silêncio. Depois veio o silêncio que zumbia em espirais por sobre ela. Parecia que podia se ver lá de cima, chegando. Chegando. A areia fina se grudando no seu sangue como uma amálgama que a imprimia no lavrado, articulando seu corpo não como juntas e vértebras, mas como som. Primeiro veio longe “Piya, piya napîkîrîpî/ kamara’tî kamara’tî”⁴, veio o eco, a voz dos piya’, de Ka’sana, a voz da mãe no leito do igarapé, a própria voz quase enterrada. Eu vim vindo aos poucos até mim mesma, até à beira. Uipiî. Venho vindo aos poucos. Me arrastei lentamente até onde a água ia me encontrar, na beira do antigo igarapé para onde corria a água do jirau da casa. De dentro da água todas elas me viam: - *aparurî meurumai Aparuya uyeori’na uyepori’na iwîîrî ramonoripo uyepori’na. Aparurî meurumai.*⁵ Três dentes moídos. Um olho estourado. A cabeça brechada à paulada. O sangue pisado tatuado em espirros na barriga, de sangue do pé d’ele. A mãe do corpo quebrada. As mucosas quase todas esfoladas. Mas ainda não tinha posto sentido nisso direito.

Não tinha conseguido morrer. Quando dei por mim, era eu quem servia de kamaini⁶ ali, a garganta feito flauta por onde passava o chiado de We’rîkî⁷, de Maria-doida, Irré. Então sobrevivi aos três dias seguintes de febre e quebração de ossos, restos de órgãos variegados e sem água de pilão nem folha batida. Bora ver se era Kanaimî mesmo.

⁴ Primeiro o homem pegou o eco/ prendeu/ aprendeu a falar.

⁵ A água me encontra na beira do igarapé. Fala de dentro de sua água.

⁶ Flauta feita de embaúba muito usada nas grandes rodas de dança de Parixara.

⁷ Outro nome para Kirî’ pa considerado pássaro do Kanaimé, mas seu canto pode ser considerado tanto uma previsão boa quanto má.

Mãe. Soprei longamente enquanto recolhia nas mãos o que restou da neta dela coagulada, depositando bem aos pés de planta e fiz sabendo no que ia dar. Replantava ali as duas pontas de mim e segui rezando, segui regando, segui soprando o sentido de mim mesma a partir dali. Os wapichanas tem uma palavra bonita para isso *panakary'y*,⁸. Mamãe dizia que todos wapichanas têm cara de cotia, de paca, de bicho que rói. Eu ria. Ia me alimentando disso e alimentando a planta com o sangue de nós três. Reguei rindo em minha mais nova linguagem vegetal que ia aprendendo. Fui me fazendo, fui me curando⁹ no sopro das fumaças, com água de tabaco, carne de beija-flor.

Nisso passa tempo, passa tempo, passa tempo. Não sei quanto. Cheguei a ouvir que ele tinha sido preso por ter feito a mesma coisa com outra menina de seis anos, que o chamava de avô, que tinha sido preso e pagou pelos seus erros perante a sociedade. Do homem branco. De resto ele continuava na mesma. Mas eu não tinha conseguido morrer, que nem ele estava vivo também, então ali era o entroncamento dos descaminhos dos dois. Os dois ali como um mesmo direito adquirido sobre esta terra de existir, mas não com a mesma força nem compartilhando a mesma matéria. Agora iria ver quem era mesmo Kanaimî.

Eu ia me fazendo a partir de todos os cadáveres delas que iam se empilhando sobre minha encarnadura. Os cabelos delas em meus numa imensa cauda varrendo nossos rastros do chão. Seus dentes engrossando e afiando as fileiras dos meus dentes numa robustez capaz de romper crânios. As mãos delas todas umas por sobre as outras quase que num ajuntamento de escamas, de carapaça de tatu, agora minha própria armadura. Mãos mortas das mães espalmando minhas costas como faziam ao embalar suas crias recém-nascidas, mas agora me protegendo e fazendo avançar. As mãos mortas das meninas pequenas sobre as minhas próprias, pontiagudas, prontas para desenterrá-lo da paz, sangrá-lo e sorver sua *maba*¹⁰ viscosa para não deixar que nada o levasse ao encantamento, nada lhe levasse à memória. Essa memória que vai se espalhando por todo agora por muitos e muitos tempos de gente em gente, afeiçoando, afetando afeccionando não lhe seria nunca concedida. Não haverá encantamento para ele. Os cabelos muito pretos, brancos, cinzas e escorregadiços delas sobre os meus cheirando a óleo de buriti, sumo de jenipapo e fumaça de madeira me alongando por

⁸ Animais selvagens. Espírito que todas as coisas têm. Tudo tem espírito.

⁹ Mais do que recuperar-se de uma enfermidade, curar também é um termo usado para designar certos rituais realizados com a intenção de fazer com que a pessoa seja extremamente habilidosa em uma prática como por exemplo, meninas eram curadas com pequenos cortes no lábio inferior em que era aplicada certa dose de pimenta para tornarem-se ótimas preparadoras de caxiri.

¹⁰ Mel ou chorume.

sobre minhas próprias pegadas, meu próprio rastro sob o sereno fino da noite. Agora sim ganhei meu novo nome, dito pelas bocas de todas elas.

No lavrado aberto não há eco. Por isso tanto medo quando os cantos abrem a noite. Os cantos nos distendem pelo lavrado inteiro desde o diafragma como se fôssemos sua própria continuidade que ao longo dos dias nos fazem arder sob os humores por vezes áridos da Grande Avó Wei. Continuei afiando na garganta o assobio. Senti pela podrura do cheiro que ele estava chegando cada vez mais perto. Curtume não chegava perto. Olhei com a metade das vistas com que fiquei. A outra metade Kanaimê me deu. Então chegou. O ódio multidimensional me atravessando numa corrente de corpos vertebral e longitudinalmente, acendendo todo o sangue que me comportava. Assobieei em coro, polifônica. Ele ruminou aquele que era meu nome pela última vez. O nome do batismo branco, do padre branco, de roupa branca, de santa branca, da hóstia branca, do papel branco. Essa corrente que me vibrou por todos tendões e cordas me cantando pela penumbra, agora o atingia aos rombos e macerava-lhe o fato estragado desde sempre, o baixo ventre purulento e infectocontagioso. Tacape. Tacape. Tacape. Fica quieto, fica quieto, fica quieto. Finco. Eu. Precisa. Precisa como uma contração que torce pelo meio e arranca à força das tripas todos os seus conteúdos em merda, vômito e mijo. Fincando no revés dele todas as palavras que me golpearam quando eu só tinha 13 anos, socando no seu entre todas as ervas daninhas e malfazejas. Mastigando sua língua, pulverizando sua ossadura como um boi sangrado na jugular pela força de mandíbula de onça, vertendo o veneno que parece intoxicar muitos outros, seus iguais, ou ainda como boi aberto pelo crânio às machadadas, parte de gado que não se tira muito proveito. Sua carne jamais servirá de alimento para nenhuma gente desses mundos, para que nunca mais contamine com seu ódio, para que não rebrote em forma de nada.

Ele ruminou aquele que era meu nome pela última vez. Ele ruminou pela última vez. Olho de boi emplastado aberto à noite.

Agora meu nome é outro.

Texto submetido em: 16 dez. 2024

Aceito para publicação em: 08 jan. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144696>